

Lição 4 - Diferentes Tipos de Alma

TEXTO 413b13-44a28 - LIVRO II, CAPÍTULO II, CONTINUAÇÃO

DIFERENTES TIPOS DE ALMA

Agora perguntamos se cada uma dessas [potências] é uma alma, ou uma parte da alma: e, se for uma parte, se é separável apenas no pensamento ou se tem também um lugar distinto. § 262

Em relação a algumas dessas potências, não é difícil ver [as respostas para nossas perguntas]; outras, no entanto, suscitam dúvidas. Pois, assim como no caso das plantas, algumas, quando divididas, parecem continuar vivendo separadas umas das outras, como se houvesse em cada planta uma alma em ato, mas várias em potência; da mesma forma, isso ocorre no caso de outras diferenciações da alma, por exemplo, em animais divididos, cada divisão possui sensação e movimento local; e, se possui sensação, possui também fantasia e apetição; pois onde há sensação, há prazer e dor, e onde estes existem, necessariamente deve haver apetição. §§ 263-7

Mas quanto ao intelecto e à faculdade especulativa, nada foi demonstrado até agora; mas pareceria ser um outro tipo de alma, e a única capaz de ser separada, como o eterno do perecível. É evidente, no entanto, a partir do que foi dito, que as outras partes da alma não são separáveis, como alguns afirmaram. § 268

Por definição, porém, elas são obviamente distintas. Pois, se o sentir é diferente do opinar, a faculdade sensível diferirá da capacidade de formar opiniões. Da mesma forma com cada uma das outras potências mencionadas. § 269

Além disso, todas essas potências estão presentes em alguns animais; em outros, apenas algumas; em outros ainda, apenas uma. Isso gera as variedades de animais. Por que isso é assim será considerado posteriormente. O mesmo ocorre com relação aos sentidos: certas espécies de animais possuem todos; outras, alguns; outras ainda possuem apenas o mais necessário, o tato. § 270

Uma vez que "aquilo pelo qual vivemos e percebemos" pode significar duas coisas — como "aquilo pelo qual conhecemos", pois nomeamos uma coisa como conhecimento e outra como alma, embora se diga que conhecemos por ambas; e da mesma forma como "aquilo pelo qual somos saudáveis"; pois a saúde é uma coisa, enquanto uma parte do corpo (ou o todo dele) é outra; e nesses casos, o conhecimento ou a saúde são a forma e a essência específica ou razão, e, por assim dizer, o ato daquilo que pode receber conhecimento num caso e saúde no outro (pois a ação

de um agente parece existir no recipiente ou na matéria disposta) — e a alma sendo aquilo pelo qual primariamente vivemos, percebemos, movemo-nos e entendemos, segue-se que a alma será uma espécie de forma ou razão; não, por assim dizer, uma matéria ou substrato. A substância é predicada de três modos, como dissemos: de um modo como forma; de outro como matéria; e de outro como o que é de ambos. Destes, a matéria é potência, a forma é ato; portanto, se o que é de ambos é o ser animado, o corpo não é o ato da alma, mas a alma é o ato do corpo. §§ 271-5.

E por isso estavam corretos aqueles que pensavam que a alma não está separada do corpo nem é idêntica ao corpo; pois ela, de fato, não é o corpo, mas é algo do corpo. E, portanto, está em um corpo, e em um corpo de um tipo definido; e não como alguns pensadores anteriores afirmavam, que a relacionavam a um corpo sem definir absolutamente a natureza e a qualidade desse corpo; apesar de ser evidente que nem qualquer sujeito pode receber qualquer forma ao acaso. E que assim é confirmado pela razão: o ato de qualquer coisa é daquilo que está em potência para ele, e ocorre natural e adequadamente na matéria apropriada para ele. Que a alma, então, é uma atualidade e princípio formal de uma coisa em potência para existir de acordo com isso é evidente a partir dessas considerações. §§ 276-8.

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LEITURA QUATRO

§ 262. Após mostrar que 'alma' é o princípio uno comum aos vários tipos de vitalidade, o Filósofo agora investiga os vários princípios desta, perguntando como eles se relacionam tanto com a alma quanto entre si. E ele faz duas coisas aqui. Primeiro, ele coloca duas questões (a) Se a alma, o princípio vital, é realizada atualmente como princípio vegetativo, sensitivo, locomotivo ou intelectual, cada um desses princípios deve ser identificado com a alma propriamente dita, ou cada um é apenas uma parte da alma? Ora, obviamente, onde a vitalidade da coisa consiste inteiramente em crescer e se nutrir (como nas plantas), o princípio vegetativo é simplesmente a própria alma ou princípio vital. Mas onde a coisa também possui sensação, este princípio vegetativo é apenas uma parte da alma. E o mesmo raciocínio se aplica a outros casos. (b) Se cada um desses princípios é uma parte do princípio vital, como na alma humana que os contém todos, eles são partes no sentido de que são meramente poderes diversos da mesma alma, existindo em uma coisa, embora possam ser pensados separadamente uns dos outros, ou são seres distintos tendo cada um sua localidade distinta, de modo que o poder sensitivo está em uma parte do corpo, a apetição em outra, a locomoção em outra, e assim por diante; como alguns de fato pensaram.

§ 263. Em segundo lugar, quando ele diz 'A respeito de alguns destes', responde às questões acima: primeiro a segunda; depois, em 'Além disso, todos esses poderes', a primeira. A segunda questão é respondida em duas partes: (a) com respeito à separabilidade local das partes da alma, e (b) em 'Por definição', acerca de sua separabilidade na mente. Quanto a (a), ele diz que algumas partes da alma não levantam dificuldades, mas outras sim.

§ 264. E ilustra isso com uma comparação com a vida vegetal. Certas partes, diz ele, das plantas podem ser cortadas e ainda assim parecem continuar vivas; pois os cortes, enxertados ou replantados, unem-se a um novo caule ou ao solo. Nestes casos, o princípio vital parece ser realmente uno, mas potencialmente múltiplo. O mesmo tipo de coisa é observável nas formas dos

corpos físicos inanimados; assim como cada um desses corpos é realmente uno e potencialmente múltiplo, também nos corpos animados inferiores, cujas partes são ainda indiferenciadas, a alma existe como um todo em ato, mas como muitos em potência. Pois os corpos inanimados podem ser divididos em partes que cada uma retém a mesma natureza específica (por exemplo, ar, água, minerais), e essa natureza era também a natureza do corpo inteiro; e é algo semelhante com as plantas, a ordem mais baixa dos seres animados; elas requerem muito pouca diferenciação em suas partes, e o princípio vital do todo sobrevive, como tal, em algumas das partes separadas.

§ 265. Assim também com aqueles animais que permanecem vivos depois de serem cortados. Cada divisão ainda possui uma alma sensitiva: ela se contrairá se você a picar. E obviamente pode se mover. Portanto, a mesma parte retém, evidentemente, o princípio da sensação e do movimento local. E se há sensação, então também deve ter imaginação, que é simplesmente um certo movimento derivado da sensação atual, como veremos mais adiante. Novamente, também deve ter apetição, uma vez que a sensação necessariamente envolve satisfação ou insatisfação, isto é, prazer ou dor, porque envolve um contato com o congenial ou o não-congenial. E prazer e dor envolvem desejo e apetição. Portanto, as partes divididas de tais animais são capazes de desejar.

§ 266. Ora, se cada parte dividida contém os princípios vegetativo, sensitivo, apetitivo e locomotivo todos juntos, é claro que esses princípios não devem ser localizados em partes especiais do corpo do animal. No entanto, certos poderes estão obviamente assim localizados: a visão está apenas no olho, a audição no ouvido, o olfato nas narinas, o paladar na língua e no palato. Mas o sentido fundamental e mais necessário, o tato, encontra-se por todo o corpo.

§ 267. Pode surgir uma dúvida sobre a imaginação; pois alguns lhe atribuem um órgão especial do corpo. Mas note que a imaginação (como será mostrado mais adiante) nos animais inferiores é indefinida; é definida apenas nos animais superiores. Portanto, se atribuímos um órgão especial à imaginação, é porque a completude e definição especiais de suas atividades exigem um órgão especial do corpo, assim como a visão requer um olho. Mas quanto a alguns poderes da alma, não é difícil decidir se estão localizados em partes distintas do corpo.

§ 268. Em seguida, em 'Mas quanto ao intelecto', ele aponta para uma parte da alma sobre a qual podem surgir dúvidas. Sobre o intelecto, ou como quer que chamemos a faculdade perceptiva ou especulativa, ainda estamos, diz ele, incertos. Nenhuma prova foi ainda dada de sua localização em qualquer órgão especial ou particular do corpo. No entanto, mesmo à primeira vista, pareceria ser de uma natureza diferente das outras partes da alma e existir 'de uma maneira diferente; e que só ele é separável do resto da alma (e pode até existir à parte de qualquer órgão do corpo) como o que é imortal do que é mortal. Que as outras partes da alma não são localmente separadas está agora claro.

§ 269. Então, em 'Por definição', ele mostra que elas são mentalmente separáveis umas das outras. Pois distinguimos potências por sua relação com os atos; se os atos são especificamente distintos, então também o são as potências. Daí ele dizer aqui que os princípios sensitivo e opinativo, i.e., intelectual, são diversos; significando que, assim como o sentir é diferente do formar opiniões, as faculdades implicadas têm definições distintas. E o mesmo é verdadeiro para os outros princípios já mencionados.

§ 270. Em seguida, em 'Além disso, todos esses poderes', ele responde à primeira das duas questões propostas acima, observando que os animais diferem nisto: em alguns encontram-se todos os quatro princípios vitais mencionados acima, em outros apenas alguns deles, e em alguns apenas um. E onde apenas um desses princípios é encontrado, ele é a própria alma; mas onde vários são encontrados juntos, cada um é uma parte da alma, e a própria alma é nomeada pela parte principal, seja sensitiva ou intelectual, conforme o caso (a razão pela qual os animais diferem dessa maneira será mostrada mais adiante). E como com os poderes da alma, assim também com os sentidos particulares; pois alguns animais (os superiores) têm todos os sentidos; alguns (por exemplo, toupeiras) têm alguns, mas não todos; enquanto alguns (os animais mais inferiores) têm apenas o mais necessário, o tato.

Esta passagem também pode ser entendida como referindo-se à afirmação, feita algumas linhas antes, de que as partes da alma que coexistem 'em qualquer animal não são seres distintos nem estão em lugares diferentes. Pois disso se poderia argumentar que elas não são separáveis entre um animal e outro; erro que esta passagem remove.

§ 271. Em seguida, em 'Uma vez que etc.', ele conclui, a partir do fato de que a alma é o primeiro princípio da vida, para a definição dela já dada; primeiro provando esta definição, e depois, em 'E por esta razão', tirando algumas conclusões adicionais. A prova é a seguinte. Concedido que há dois princípios do nosso ser e atividade, um (a forma) será anterior ao outro (a matéria). Ora, tanto o corpo quanto a alma são princípios de vida em nós, mas a alma vem em primeiro lugar neste aspecto. A alma é então a forma do corpo vivo; o que concorda com a definição já dada: a alma é a atualidade primeira de um corpo físico capaz de vida. Claramente, o termo médio deste argumento é a definição da alma como o primeiro princípio da vida.

§ 272. O argumento em si ele expõe em quatro partes. (1) Explicando a premissa maior, ele observa que podemos falar do princípio da vida e da sensação de dois pontos de vista, formal ou materialmente, assim como falamos do ato de conhecer como procedente seja do próprio conhecimento, seja da alma; ou como falamos de tornar-se saudável seja com respeito à própria saúde, seja com respeito a alguma parte do corpo, ou à totalidade dele. Em ambos os casos, um dos princípios é formal e o outro material. Pois conhecimento e saúde são formas ou atualidades de certos sujeitos: o conhecimento é uma forma da parte da alma que conhece, a saúde do corpo capaz de saúde. Assim, ele diz 'capaz de conhecer' e 'capaz de saúde' para indicar a aptidão do sujeito particular para sua forma particular. Pois a atualidade de um princípio ativo, como a forma transmitida à matéria por um agente, sempre parece existir naquilo que a recebe e que é adaptado a ela, isto é, no sujeito, cuja natureza é receber de um princípio ativo particular, e que é adaptado para atingir o termo final do processo de recepção, a saber, a forma em questão.

§ 273. (2) Em 'e sendo a alma aquilo pelo qual', ele enuncia a premissa menor, dizendo que a alma é o primeiro princípio da nossa vida, sentimento, movimento e entendimento — sendo estas as quatro principais manifestações de vitalidade já mencionadas (pois por 'vida' aqui se entende o princípio vegetativo que, como foi dito, é comum a todos os seres vivos). Ora, embora seja no corpo que desfrutamos da saúde, a própria saúde é aquilo pelo qual somos chamados de saudáveis primeiramente. Só na medida em que o corpo tem saúde é que se diz que somos saudáveis. Também as nossas almas não se diz que conhecem exceto na medida em que têm conhecimento; assim, o próprio conhecimento é aquilo pelo qual, primeiramente, a alma é dita estar no estado de

conhecer. E o mesmo é verdadeiro para o nosso corpo e sua vida; não se diz que vivemos pelo corpo exceto na medida em que o corpo tem uma alma. Portanto, ele chama a 'alma' aqui o primeiro princípio da vida e do sentimento, etc.

§ 274. (3) Ele conclui em 'segue-se que a alma', ligando esta frase com a anterior, que a alma é uma espécie de natureza ou forma específica; não a matéria para, ou mero sujeito de, qualquer coisa.

§ 275. (4) Em seguida, em 'Substância é predicada', ele mostra como esta conclusão segue das premissas. Pois poderia ter parecido seguir-se que o corpo não menos que a alma era uma forma, uma vez que chamamos o corpo também de princípio de vida. Então, para arrematar o argumento, ele acrescenta que se, como dissemos, o termo 'substância' pode se referir a três coisas, à matéria, à forma e ao composto de ambas (a matéria sendo o elemento potencial; a forma, a atualidade; e o composto, a coisa que está viva desta maneira), o corpo claramente não é a atualidade da alma, mas antes a alma é a do corpo; pois o corpo é potencial com respeito à alma. E se o argumento precedente nos levou à alternativa de que o princípio especificante é ou a alma ou o corpo, podemos agora concluir que é a alma; pois agora está claro que o corpo não é a forma da alma.

§ 276. Então, em 'E por esta razão', ele deduz do precedente: (a) que estavam certos aqueles que pensavam que a alma precisava do corpo e, no entanto, era essencialmente distinta dele. Ela não é o corpo, pois não é matéria; mas está essencialmente envolvida com o corpo, porque é sua atualidade; donde também se segue, como ele diz aqui, que ela existe naquele corpo do qual é atualidade.

§ 277. (b) Estando, então, no corpo, e num tipo especial de corpo, a saber, físico e orgânico, não está, contudo, nele como imaginavam os antigos filósofos naturais quando dele falavam. Pois eles não especificavam o tipo de corpo que a alma possui. No entanto, ela de fato possui apenas um tipo de corpo. E isso deveríamos esperar a priori, sendo natural a qualquer ato realizar-se em alguma matéria definida e apropriada. Assim também, então, ocorre com a alma.

§ 278. Resumindo, ele conclui que a alma é certa atualidade e princípio formal daquilo que existe de acordo com isso, ou seja, como potencialmente animado.

Revision #2

Created 4 October 2026 19:34:09 by Admin

Updated 4 October 2026 19:35:07 by Admin